

# Experiências, cenas, corpos e afetos na era da covid-19

Experiences, scenes, bodies, and affections in the COVID-19 era

Vivencias, escenas, cuerpos y afectos en tiempos del Covid-19



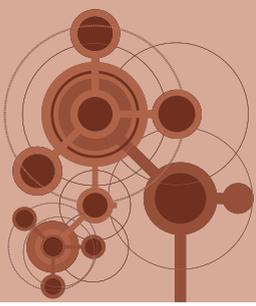
## Sônia Caldas Pessoa

- Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG.
- Cooordenadora do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades.
- E-mail: soniacaldaspessoa@gmail.com



## Camila Maciel C. A. Mantovani

- Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- Doutora em Ciências da Informação pela UFMG.
- Cooordenadora do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades.
- E-mail: camilamm@gmail.com



## Resumo

As relações entre experiências, corpos e afetos nos conduzem a cenas de pesquisadores numa instituição de ensino superior na pandemia do coronavírus. Compreendendo as organizações como espaços de produção e circulação de sentidos, realizamos a escuta dos testemunhos de pessoas com deficiência – que compartilham conosco seus circuitos de afetos para além de um estar em organização –, em diálogo com autores que refletem sobre corpos, cansaço e isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE: EXPERIÊNCIAS • CORPOS • TESTEMUNHOS • DINÂMICAS ORGANIZACIONAIS • COVID-19.

## Abstract

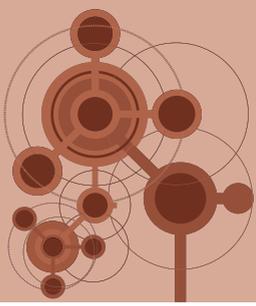
The relationships between experiences, bodies, and affections lead us to scenes of researchers in a higher education institution in the coronavirus pandemic. Understanding organizations as spaces for the production and circulation of meanings, we listen to the testimonies of people with disabilities – who share with us their circuits of affection beyond the being in organization –, in dialogue with authors who reflect on bodies, tiredness, and social isolation.

KEYWORDS: EXPERIENCES • BODIES • TESTIMONIES • ORGANIZATIONAL DYNAMICS • COVID-19.

## Resumen

Las relaciones entre vivencias, cuerpos y afectos nos llevan a escenas de investigadores en una institución de educación superior en la pandemia del coronavirus. Entendiendo las organizaciones como espacios de producción y circulación de significados, escuchamos los testimonios de personas con discapacidad –que comparten con nosotros sus circuitos de afectos más allá de estar en organización–, en diálogo con autores que reflexionan sobre los cuerpos, el cansancio y el aislamiento social.

PALABRAS CLAVE: VIVENCIAS • CUERPOS • TESTIMONIOS • DINÁMICAS ORGANIZACIONALES • COVID-19.



## CENA 1: CORPOS ISOLADOS

**E**stamos em 2020, o primeiro ano da era da covid-19, quando nos vimos diante de um cenário que tornaria o trabalho remoto uma realidade para muitos de nós. A pandemia do coronavírus e as medidas de isolamento social, adotadas como forma de prevenção à propagação do vírus, exigiram de inúmeros profissionais, especialmente os da educação, a reorganização de suas rotinas e a transformação dos ambientes domésticos em locais de trabalho (Brandão; Mantovani; Pessoa, 2021). Dois dos muitos sentidos do verbo isolar nos conduziram às inúmeras inquietações que têm lugar em nossas vidas pessoais e profissionais desde março de 2020, quando a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), localizada em Belo Horizonte, suspendeu as atividades presenciais.

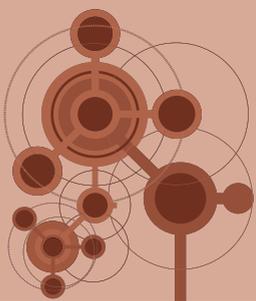
Os tais sentidos do isolar pareciam saltar do dicionário para nos alertar. Diz o Houaiss que isolar (Houaiss, 2002); pode ser afastar-se em sentido material, intelectual ou espiritual. O primeiro alerta fora disparado, colocando-nos em estado de apreensão para uma possível interrupção de investigações científicas em desenvolvimento por conta das consequências da pandemia tanto para a saúde de todos nós quanto para as condições emocionais para o trabalho. Paradoxal e simultaneamente, voltamos o nosso olhar para um segundo sentido, o de tornar desunido, extrair ou separar. O texto do dicionário refere-se a um vírus. Para nós, no entanto, além da ameaça da contaminação, intuímos, pela nossa experiência de trabalho conjunto em organização de ensino superior, que essa separação colocaria todos nós diante de outros desafios, como a construção conjunta de um modo de trabalho em dimensão afetiva, o pensamento afetivo coletivo, cujo protagonismo é encarnado pelo corpo, em suas múltiplas dimensões políticas e problemáticas que dizem respeito a relações organizacionais diversas no campo ético, social, físico e cognitivo.

Sabemos que os elementos de presença, que emanam do espaço físico, exercem papel fundamental na construção das nossas experiências. Tais elementos – que podem ser de ordem material e/ou imaterial – interpelam e provocam afetações, contribuindo para a forma como significamos a nossa realidade e, conseqüentemente, para nossa produção de conhecimento. Um corpo que experimenta o espaço é um corpo que se permite colocar em relação. Na perspectiva da geógrafa Doreen Massey (2008), corpo e espaço são compreendidos como conceitos interligados, uma vez que o espaço é composto por corpos e os corpos afetam e são afetados pelo espaço, criando trajetórias heterogêneas.

As tentativas iniciais de discussão sobre trabalho remoto poderiam ser consideradas o que Spinoza (2018) chamou de bom e mau encontro, juntos, no mesmo espaço-tempo. Se, por um lado, os impactos dos primeiros meses de isolamento reduziram a mobilidade da maioria de nós, por outro lado, as reuniões em ambiente virtual provocaram uma ruptura em estados solitários. Estar em reuniões e encontros remotos se tornou uma oportunidade de compartilhar angústias que assolaram o cotidiano. Os testemunhos sobre as experiências do isolar-se nos moveram a dialogar com um tipo de saber que funciona pelo sofrimento, como apontou Veena Das (2020): “o sofrimento é o reconhecimento apropriado do modo como a vida humana, nesses casos, é. E, em geral, compreender um amor ou uma tragédia pelo intelecto não é suficiente para ter conhecimento humano real de ambos” (p.113).

As contradições e incoerências das experiências trazem ao corpo algo de sensorial que nos escapa em definição, mas se revela em ambigüidades: “E se as páginas consagradas ao sofrimento dos corpos parecem atravessadas por uma força cômica, é porque, talvez, façam sentir a discreta alegria de um corpo que possui, pelo menos, esta potência de resistir” (Lapoujade, 2002, p.84). E quais cenas emergem a partir das experiências do corpo? Mais do que apresentar respostas, trazemos, inspiradas por Rancière (2021), cena como concepção epistemológica:

A noção de “cena” assegura inicialmente uma função que podemos apontar como epistemológica, ainda que não seja de forma alguma o termo que utilizo. Trabalhar com a cena é recusar toda uma lógica da evolução, do longo prazo, da explicação por um



conjunto de condições históricas ou do reenvio a uma realidade escondida atrás das aparências. Assim, a escolha da cena é a escolha de uma singularidade, com a ideia de que um processo se compreende sempre a partir do aprofundamento do que está em jogo nessa singularidade, mais do que a partir de um enunciado infinito de condições. No conceito de cena há certa ideia da temporalidade descontínua, a escolha de certo modo de racionalidade: pensamos que na espessura de um acontecimento singular podemos ler o conjunto dos vínculos que definem uma singularidade política, artística ou teórica. (Rancière, 2021, p.78)

As ações cotidianas dos sujeitos na sociedade, em suas singularidades, estão articuladas com a potência dos afetos e, conseqüentemente, as afetações humanas conformam as formas como agimos em nossas relações cotidianas e os modos como as narramos. Por isso, interessa-nos estabelecer diálogos com dinâmicas constituídas nos circuitos de afetos (Safatle, 2015) que envolvem o isolamento social, o trabalho remoto e as afetações dos corpos que articulam todos estes impactos, mas se desvelam em outras dimensões. Concebendo as experiências, em tensão entre o individual e o coletivo, lembramos que esses afetos em circuito não são indiferentes aos corpos de pessoas que experienciaram a pandemia e outras possibilidades de se relacionar com o trabalho, o distanciamento e a redescoberta do corpo. O agravamento, aqui, do impacto das experiências do e no corpo, dá-se especialmente pelas muitas cobranças que fazemos a nós mesmos e pela sensação de cansaço permanente que, de certo modo, já era uma patologia social antes da pandemia.

O vírus SARS-CoV-2 é um espelho que reflete as crises de nossa sociedade. Faz com que os sintomas das doenças que nossa sociedade sofria antes da pandemia se destaquem com ainda mais força. Um desses sintomas é o cansaço. De uma forma ou de outra, todos nos sentimos hoje muito cansados e extenuados. É um cansaço fundamental, que acompanha de forma permanente e em toda a parte a nossa vida como se fosse a nossa própria sombra. Durante a pandemia, nos sentimos até mais esgotados ainda do que de costume. Até a inatividade a que o confinamento nos obriga nos causa fadiga. Não é a ociosidade, mas o cansaço, que impera em tempos de pandemia. (Han, 2021, s/pag)

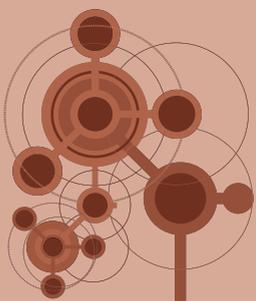
O filósofo francês David Lapoujade (2002) alertava, bem antes da pandemia, assim como Han, que apesar de muitas vezes estarmos sem atividades, empreendendo pouco esforço físico e mental, nossos corpos vão se moldando a um estado de coisas que nos faz questionar a própria definição de corpo.

Mesmo nas situações cada vez mais elementares, que exigem cada vez menos esforço, o corpo não aguenta mais. Tudo se passa como se ele não pudesse mais agir, não pudesse mais responder ao ato da forma, como se o agente não tivesse mais controle sobre ele. Os corpos não se formam mais, mas cedem progressivamente a toda sorte de deformações. Eles não conseguem mais ficar em pé nem ser atléticos. Eles serpenteiam, se arrastam. Eles gritam, gemem, se agitam em todas as direções, mas não são mais agidos por atos ou formas. É como se tocássemos a própria definição do corpo: o corpo é aquele que não aguenta mais, aquele que não se ergue mais. (Lapoujade, 2002, p.82)

Mas se o corpo não aguenta mais, o que nos cabe senão ressignificar as nossas experiências ou simplesmente recuperar cenas que nos fizeram perseverar e encontrar outros modos de lidar com situações potenciais de vulnerabilidade, tais como a deficiência e as imposições de uma nova rotina? Como nos manter ativos, rememorar o vivido e tecermos narrativas que dialoguem com o que nos marcou na pandemia? Quais alternativas encontramos para movermos os corpos, apartados da presença física em organizações?

## CENA 2: PERCURSOS METODOLÓGICOS DE ESCUTA

A universidade é uma instituição social e, portanto, reflete, de maneira bastante peculiar, dinâmicas presentes na sociedade. Em sua lógica interna, é possível perceber como, para além de ordenamentos, regras e normas dispostas em documentos



oficiais, sua cultura e seus valores se fazem e se refazem, continuamente, nos relacionamentos que se configuram a partir dos múltiplos sujeitos que a constituem. Nessa perspectiva, tomamos a universidade em um sentido mais amplo de organização, já que ela não pode ser compreendida apenas pelos seus fins últimos, mas, fundamentalmente, pelos relacionamentos que ali se constituem, entre sujeitos e a partir de processos comunicativos. Assim,

[...] articulados em relações de comunicação, os sujeitos atualizam-se como forças e percebem-se construindo e disputando sentidos, realizando interpretações de modo a, sob formas e prismas diversos e em variados níveis de tensão, nem sempre conscientes, interpelarem a cultura/cultura organizacional e serem por ela interpelados. (Baldissera, 2010, p.69)

Nas muitas dinâmicas que compõem a vida na universidade, em especial as públicas, destacamos aquelas vinculadas às atividades de pesquisa. Nelas existe uma enorme diversidade de formas de organização dadas não apenas pelo modo como o conhecimento é produzido em diferentes áreas, mas também porque, como dito anteriormente, sujeitos diversos se reúnem ali.

No caso do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades, as dinâmicas de investigação são pautadas pela reflexividade, que toma a presença do pesquisador na cena e sua relação de intersubjetividade com os sujeitos de um ponto de vista ético. Isso significa que a premissa de construção de conhecimento do grupo vai além da dimensão acadêmica do trabalho do pesquisador, buscando acolher modos de existência, justamente por reconhecer a impossibilidade de se separar o conhecimento produzido da pessoa que o produziu.

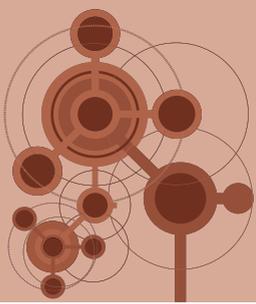
Nesses dois anos de isolamento social e diante da impossibilidade de partilharmos um espaço físico comum que pudesse abrigar, com segurança, os corpos diversos que formam nosso grupo, foi necessário pensar alternativas para que as trocas e reflexões teóricas, metodológicas e empíricas se mantivessem. E para que isso acontecesse, tínhamos a convicção de que era preciso respeitar os ritmos e momentos de cada um, procurando não ignorar as dificuldades e os desafios vivenciados por cada membro do grupo de maneiras bastante singulares.

Nesse movimento de acolhida e sustentação de uma caminhada coletiva, percebemos a necessidade de ouvir os membros do Afetos, de abrir espaço para essas trocas que escapam por entre as discussões teóricas em nossos encontros. Assim, os testemunhos sobre as experiências do isolar-se nos moveram para um convite a pesquisadoras e pesquisadores que estão cursando mestrado ou doutorado e que constituem o grupo. São pessoas em situação de deficiência, que aceitaram o desafio de participar deste ensaio.

Temos incentivado a equipe a trabalhar na valorização da autonomia e independência de pessoas com deficiências, tomando o modelo social como referência de uma organização que envida esforços para que não foque somente na dimensão do trabalho em ensino e pesquisa, mas também, a partir de algumas contribuições de teorias feministas, incorpore a dimensão do cuidado e das vulnerabilidades para a cena:

O cuidado e a interdependência são princípios que estruturam nossa vida coletiva e, ainda hoje, são considerados valores femininos e, por isso, pouco valorizados. Neste momento, o principal desafio das feministas é mostrar que é possível um projeto de justiça que considere o cuidado em situações de extrema desigualdade de poder. A base para esta reconfiguração do modelo social da deficiência deve se basear no reconhecimento da centralidade da dependência nas relações humanas, no reconhecimento das vulnerabilidades das relações de dependência e seu impacto sobre nossas obrigações morais e, por fim, nas repercussões dessas obrigações morais em nosso sistema político e social. (Diniz, 2003, p.6)

A luta das pessoas com deficiência pelo direito à educação apresentou os primeiros resultados em instituições públicas de ensino nos últimos anos. A Lei nº12,711, de 29 de agosto de 2012, conhecida como Lei de Cotas (Brasil, 2012), foi instituída



nas instituições federais, mas só para estudantes pretos, pardos e indígenas. A inclusão de reserva de vagas para pessoas com deficiência ocorreu apenas em 2016. Segundo dados divulgados pelo Censo da Educação Superior de 2017 (Brasil, 2017), o número de estudantes com deficiência matriculados na universidade por meio da política de cotas cresceu mais de 70%. Registrar a experiência, senão de todas, pelo menos de algumas dessas pessoas que chegam à universidade e nela permanecem, parece-nos importante para a compreensão das afetações dos corpos nestas ambiências, em especial na pandemia.

Escrever, neste momento, a partir da articulação das nossas inquietações com as narrativas dos pesquisadores, nos impulsiona para um outro movimento. Nos últimos cinco anos, a escrita coletiva tem estado entre nós, em um trilhar de reflexões, e nos coloca em relação com os demais, uma relação dos nossos corpos de pesquisadoras com os corpos de quem está a investigar, mas também com muitos outros que estão localizados em um limbo, uma fronteira entre a mobilidade e (i) mobilidade e as relações organizacionais, não somente do deslocar-se, mas de se fazer ouvir, de potencializar a escuta de suas vozes em territórios que façam fluir experiência, sofrimento, diversidade e interseccionalidade, fundamentais para sociedades mais hospitaleiras.

Escrever tem sido uma forma de conectar, falar, compartilhar e liberar afetos corporificados. Embora fosse impossível nos encontrarmos pessoalmente, pudemos realizar uma reunião virtual e compartilhar experiências vividas durante essa crise global de saúde. Compromissos cotidianos e responsabilidades significaram que alguns membros do grupo original desistiram ao longo do caminho. Para os que ficaram, às vezes parecia impossível escrever, quanto mais escrever juntos naquele momento. Com o tempo, porém, reconhecemos que nossos corpos ansiavam por falar, se conectar, escrever (mesmo virtualmente). (Einola *et al.*, 2020, p.3, tradução nossa)

Inspiradas pela escrita polifônica de Einola *et al.* (2020), propusemo-nos a reunir aqui fragmentos das narrativas dos pesquisadores. O convite foi aberto, uma experimentação de escuta em ambiente digital, em que os corpos se viram diante do desafio de reunir experiências e afetações durante o período de isolamento provocado pela covid-19. A costura desses testemunhos será feita pelos leitores, com a expectativa, admitimos, que sejam tensionados com a própria experiência de quem se propõe a nos acompanhar até aqui e com as implicações éticas, sociais, físicas e cognitivas de quem se dedica a pensar na coletividade, neste caso, de pessoas com deficiência.

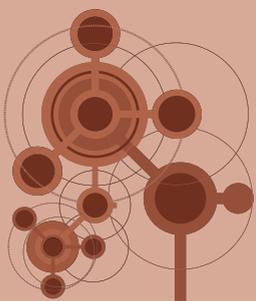
## CENA 3: AFETOS EM FRAGMENTOS

Os fragmentos de testemunhos de pessoas com deficiência a seguir foram aqui organizados de acordo com a ordem de cada escuta a que nos propusemos. Seguindo o exemplo de Veena Das (2020), eles foram enumerados. Não se trata de quantificá-los ou de estabelecer uma ordem hierárquica. Trata-se de um modo de materializar as experiências das pessoas que se dispuseram a colaborar com a tessitura dessas narrativas. Estar em relação com os testemunhos é como nos permitir tatear, à distância, pontos cruciais no mapa da vida cotidiana de sujeitos afetados, nos bons e maus encontros, consigo, com os outros, e com a complexidade social, ainda mais intensa e desafiadora em cenários de isolamento.

As pessoas foram identificadas a partir da manifestação de seus próprios desejos. Essa identificação, no entanto, não visa a redução da importância ou uma categorização destes sujeitos. Talvez ela possa ser útil a quem se dedica a esta leitura. Interessam-nos os movimentos do narrar, materializados nesta escritura, como exercício experimental para a compreensão da dimensão das afetações que a pandemia provocou no nosso isolar.

### Primeiro fragmento

Gabriela Sabatini, pesquisadora, mestre em Direito (UFMG), com deficiência visual, baixa visão, 29 anos:



Tenho medo de virar outra coisa. O cúmulo da coisa. A parte ruim da coisa. A coisa da coisa. De ser outra coisa. Ser aquilo que não sou, não era e nunca fui. Morro de medo de mim. Do que eu sou capaz de fazer comigo mesma. Antes da pandemia identificava as pessoas que vinham em minha direção pelo andar, a roupa, o cabelo. Agora, as máscaras uniformizam tudo e falta a mim destreza em tentar enxergar melhor. É como se o mundo estivesse em tom pastel. Eu, que adoro cores vivas para ver a longa distância. Isso é meu! O medo passou os últimos meses pairando em mim. A doença? Cresci com ela. É uma realidade à qual me adaptei facilmente. Desculpem: a doença faz eu me sentir mais em casa. Já antes da pandemia, às vezes sonhava que estava tendo longas conversas em consultórios médicos. Antes da pandemia, minha roupa já chegava às salas de espera. Me imagino, às vezes, involuntariamente, passando álcool em gel em todas as partes do corpo. Acho que é requisito de morte: morte e pureza de um corpo rejeitado, violentado e normatizado por todo tipo de gente. Ser hermeticamente limpo até ficar branquinho, lisinho, cheirosinho. É o mínimo desejável sobre este corpo. Talvez por isso me identificar como mulher com deficiência lésbica, não basta. Tem muita gente dentro de mim. Gente boa, escandalosa, briguenta, raivosa, morta, viva, crente, carente, má, exausta. Quem eu sou? Que parte sobrou? Que o vírus ainda não tomou?

## Segundo fragmento

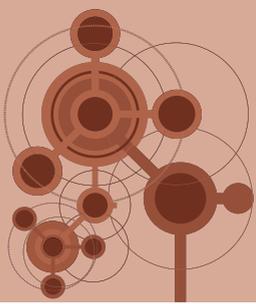
Romerito Costa Nascimento, mestrando em educação (UFMG), deficiência visual, 35 anos:

A pessoa com deficiência visual toca muito as superfícies em diversas situações. Nas compras, por exemplo, nos localizamos nos supermercados pelo toque e com a ajuda de um funcionário do estabelecimento. Optamos pela compra em aplicativos e nos deparamos com aplicativos inacessíveis, tomando muito o nosso tempo, nos tornando dependentes de outras pessoas e trazendo muitos transtornos. Tivemos que lidar com a organização da casa para se tornar um ambiente de trabalho. Isso trouxe implicações do ponto de vista da exposição da casa como um todo justamente porque não tínhamos dimensão do alcance das câmeras no nosso ambiente doméstico. Tivemos que nos organizar para cuidar da casa, pois tivemos que preservar também a saúde da nossa ajudante, que também é uma pessoa vulnerável. Cuidar da casa ampliou o nosso trabalho porque fazemos o trabalho de modo um pouco mais lento para realizar as tarefas domésticas. Um impacto significativo nas nossas vidas foi a interrupção abrupta das atividades físicas – eu fazia jiu-jitsu e minha esposa fazia academia. Restringimos somente à esteira elétrica em casa, o que impactou a nossa saúde. A locomoção é um ponto muito impactado. Nós não temos opção de não ter contato com outras pessoas quando saímos de casa. Nas atividades corriqueiras a gente passou a precisar de mais ajuda das pessoas. Comprávamos, de preferência pessoalmente, em lojas físicas, onde é possível tocar objetos e equipamentos. A descrição na internet nem sempre atende a pessoas com deficiência visual. Passamos a precisar muito também da ajuda de amigos para buscar laudos e receitas médicas, por exemplo, que não conseguimos de outro modo. Aqui se manifestou a interdependência: pessoas da nossa família, que são idosas, foram ajudadas por nós com a experiência que fomos adquirindo nas compras na internet e também para fazer cadastros como os de vacinação.

## Terceiro fragmento

Sophia Silva de Mendonça, jornalista e escritora, mestra em Comunicação Social (UFMG), mulher trans autista, 24 anos:

O isolamento social foi uma possibilidade de trabalhar e estudar com maior conforto, inclusive por evitar o deslocamento. Muitas vezes me perco e tenho dificuldades de me localizar mesmo em ambientes que conheço (como a universidade em que estudo). De maneira similar, apesar de eu não dirigir, percorrer trajetos longos de carro me desgasta muito sensorialmente. Já fui julgada de “fresca” e “pouco autônoma” por ter dificuldades de pegar ônibus. O balançar desse veículo, aliado aos estímulos diversos do ambiente, à quantidade de pessoas e à atenção que tenho que desenvolver para não perder de vista o lugar onde devo descer, tudo isso me apavora, me deixa mais ansiosa e me dá sensações como enjoo. Muitas vezes eu me sinto culpada por julgar que estou me beneficiando ao fazer várias atividades e contatos com outras pessoas de casa, quando nem todos têm essa oportunidade e,



mais ainda, em um cenário desesperador pela quantidade de mortes e tragédias. Além disso, ao mesmo tempo que sou muito preocupada com os cuidados com a saúde e os riscos de contaminação, até em função da rigidez de pensamento proveniente do TEA, em alguns momentos eu posso me esquecer facilmente de não tocar em superfícies potencialmente contaminadas ou de manter uma distância adequada das pessoas na rua. Quando vou à farmácia, por exemplo, tenho dificuldades com a sinalização que marca os espaços entre onde uma pessoa deve ficar. É como se eu fosse desatenta. Por isso, andar com o álcool em gel e passá-lo na mão com frequência se tornou praticamente uma estereotipia (comportamento repetitivo de autistas).

## Quarto fragmento

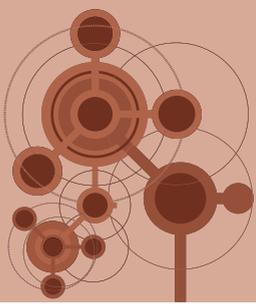
Marcos Maia, roteirista, mestre em Estudos de Linguagens (Cefet-MG), doutorando em Comunicação Social (UFMG), autista, 34 anos:

Por causa das habilidades técnicas, tinha facilidade para conseguir emprego em empresas privadas, pois eu tinha facilidade em passar em testes online ou mesmo presenciais, de pergunta e resposta. Mesmo em entrevistas, que não costumam durar mais que uma hora, eu ia bem, pois criei estratégias para conseguir olhar nos olhos, prestar atenção ao que era dito e conseguir responder de forma satisfatória. Mas no dia a dia, durante muitas horas de trabalho, durante uma semana inteira, eu não conseguia manter uma postura considerada "normal", não conseguindo responder às expectativas sociais que as pessoas costumam demandar no trabalho e deixando transparecer minhas estereotipias, a dificuldade em se manter presente em uma conversa em grupo, ou mesmo almoçar com alguém, algo muito difícil. Sendo assim, não demorava a ser visto como antissocial, ou mesmo sofrer punições invisíveis, na forma de não colaboração com relação a atividades profissionais – as pessoas, no geral, misturam suas questões pessoais com as profissionais – ou ainda, alguém que se incomodava com meu jeito poderia falar mal de mim para chefias. Por este motivo, mesmo sem nenhum prejuízo nas atividades do trabalho – geralmente, mais intelectuais ou ligadas à criação – acabo sendo demitido, por falta de entrosamento com equipe ou por não "ganhar a simpatia de algum superior". Por não conseguir me manter em trabalho privado por causa das dificuldades sociais, e como meu hiperfoco envolve estudo, comunicação e mídia, além de questões sociais, resolvi me dedicar a concurso público, pois um órgão público não pode ser personalista, ou seja, ninguém poderia me demitir porque eu não consigo almoçar com um chefe ou colega de trabalho – por não conseguir criar laços sociais ou falta de habilidades políticas.

## Quinto fragmento

Sara Paoliello, cineasta, mestranda em Comunicação Social (UFMG), tem hemiparesia unilateral, 28 anos:

Quando a pandemia começou, tudo parecia relativamente de fácil organização para mim: ia trabalhar de casa, continuar cursando uma graduação EAD e eu e meu namorado íamos alternar entre a casa dele e a minha, não encontrando mais ninguém além dos nossos pais que também estavam de home office. Conforme o tempo foi passando, se tornou evidente que a quarentena iria continuar por muito mais tempo. Entre muitos esbravejamentos contra o presidente e eventuais encontros virtuais com os amigos, a preocupação veio: preciso me exercitar. Esse "preciso me exercitar" já foi motivo de muita angústia e preguiça pra mim. O que mais pesava era que a sensação é de que não importava o quanto eu fizesse exercício minha deficiência iria continuar lá, nem reza braba e nada iria mudar isso. E nem vai. Então pra quê me dar o trabalho? Eu fazia muitas vezes por insistência dos meus pais. Foi preciso muitos anos de terapia, muitos anos de desconstrução pra começar a pensar diferente disso. Admito que no início da pandemia esse processo já estava sendo gestado, porém foi ali que ele ganhou mais força. Acho que foi a primeira vez que eu enxerguei o exercício físico não como algo que eu tinha que fazer para não ficar debilitada, mas sim algo que era muito mais de um lugar de olhar para as outras possibilidades. Nesse segundo ano de pandemia continuo fazendo os exercícios, agora com professores, mesmo que a distância. Eu me movo porque gosto do meu corpo, não porque o odeio. Me pego descobrindo coisas sobre meu corpo que eu não sabia, eu não ouvia o que ele tinha a me dizer.



As descobertas aqui narradas pelos colaboradores deste texto não nos estimulam a analisar ou a comentar. Deixamos para as pessoas que nos leem a ideia de que é possível também se colocarem em diálogo com os testemunhos e, a partir deles, se deslocarem em direção a outras experiências possíveis, de corpos que se movimentaram para continuar existindo. Essas descobertas nos impulsionam a escutar o outro na tentativa de compreender os impactos da ausência do estar em organização, em presença física, e as singularidades com que cada pessoa se lançou a esse enfrentamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas formas de se estar em organização e, nos últimos dois anos, experimentamos não apenas outras formas de nos colocarmos nesses ambientes, mas também em relação a diversos aspectos de nossas vidas. Esse entrelaçamento entre o pessoal e o profissional, que já se fazia presente pelo uso constante das mediações tecnológicas, em especial os dispositivos móveis, tornou-se mais intenso e nos desafiou de inúmeras formas.

Em nossas dinâmicas de trabalho, principalmente aquelas desenvolvidas no grupo de pesquisa Afetos, a impossibilidade da presença física e a necessidade de se constituir um terreno comum e seguro para a reflexão coletiva nos moveu a pensar alternativas para estarmos juntos, respeitando e acolhendo as demandas de cada membro. Nesse sentido, os testemunhos foram um recurso valioso para permitir trocas que fossem além do trabalho de pesquisa, gerando confiança, pertencimento e a possibilidade do encontro.

Se os fragmentos podem nos sugerir a singularidade da experiência – não sendo possível falar em totalidade da experiência de pessoas com deficiência, e nem sendo esse o nosso propósito simplesmente por não acreditarmos que tal ousadia seria possível –, também nos indicam pistas de como corpos dissidentes se deslocam ou se imobilizam em momentos atípicos. Assim, atribuímos a cada fragmento um sentido que contrasta com a noção de parte a ser reunida para composição de um quadro de totalidade.

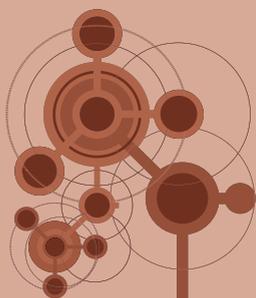
Assim, os fragmentos apresentados são menos um recorte da experiência e mais uma alusão a “um modo particular de habitar o mundo” (Das, 2020, p.17). Esse modo como o corpo ocupa o mundo revela-se em suas dimensões afetivas e territoriais, reconfiguradas por um viver no qual as barreiras da mobilidade extrapolam um deslocar-se em espaços públicos, muitas vezes reforçando limites que já se interpunham nos caminhos trilhados por pessoas com deficiência. “Assim, em vez de aprisionar metáforas para captar as relações entre os critérios externos e os estados internos, pode-se pensar no modo como reforçam-se um ao outro, mantendo-se próximos, mas unidos da mesma maneira pela qual legislação e transgressão estão unidas” (Das, 2020, p.116).

## REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Rudimar. Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação. *In*: KUNSCH, Margarida (org.). *A comunicação como fator de humanização das organizações*. São Caetano do Sul: Difusão, 2010. p.61-75.

BRANDÃO, Vanessa Cardozo; MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves; PESSOA, Sônia Caldas. Cenas do ensino remoto emergencial: trilhas e experiências na era covid-19. *In*: GERALDES, Elen; PIMENTA, Gisele; BELISÁRIO, Katia; PINTO, Rafaela (org.). *Comunicação e ciência na era covid-19*. São Paulo: Intercom, 2021. v.1. p.230-242.

BRASIL. *Lei nº12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3yuhkVT>. Acesso em: 12 maio 2022.



BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da educação superior 2018*: divulgação dos principais resultados. Brasília, DF: Inep, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/39PxpUR>. Acesso em: 1 set. 2021.

DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DINIZ, Débora. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. *Série Anis*, Brasília, DF, v.28, p.1-8, 2003.

EINOLA, Katja *et al.* Writing multivocal intersectionality in times of crisis. *Gender, Work & Organization*, Hoboken, v.28, n.4, p.1600-1623, 2020. doi: <https://doi.org/10.1111/gwao.12577>.

HAN, Byung-Chul. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. *El País*, [s.l.], 22 mar. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3l4jyTP>. Acesso em: 12 maio 2022.

ISOLAR. *In: DICIONÁRIO Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. *In: LAPOUJADE, David; GADELHA, Sylvio (org.). Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. p.81-90.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *O método da cena*. Belo Horizonte: Quixote-Do, 2021.

SAFATLE, Vladimir. *Circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo, fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SPINOZA, Bento. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

---

Artigo recebido em 06.04.2022 e aprovado em 13.04.2022